

ENTREVISTA

INTELECTUAIS E HISTÓRIA
INTELECTUAL NA AMÉRICA DO
NORTE *ENTREVISTA*
com Russell Jacoby

ARTHUR FREIRE SIMÕES PIRES

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre | Rio Grande do Sul | Brasil

grohsarthur@gmail.com

orcid.org/0000-0002-4596-6306

Russell Jacoby é um autor estadunidense que se destaca no campo da História das Ideias, dedicando-se principalmente à história intelectual europeia e norte-americana do século XX. Embora seja professor emérito desde 2022 na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), Jacoby trabalhou em muitas outras instituições, como Concordia University, Utrecht University, Durham University e assim por diante.

Ao longo de sua carreira, Jacoby publicou diversos livros, dos quais uma pequena parte foi traduzida para o português e levada ao mercado editorial brasileiro. Esta lista inclui (1) *Amnésia Social* [1981], (2) *Os Últimos Intelectuais* [1990], (3) *O Fim da Utopia* [1999] e (4) *Imagem Imperfeita* [2005]¹. Além disso, Jacoby escreveu para diversos jornais e revistas, como *The New York Times*, *Harper's* e *Tablet* (Jacoby 1999b; 2022b; 2023b). Além disso, o historiador estadunidense recebeu laureas e bolsas de instituições como: o Instituto Lehrman, da Fundação Guggenheim, e o National Endowment for the Humanities [Fundo Nacional para as Humanidades]².

A entrevista abaixo aprofunda, para o leitor brasileiro, a trajetória acadêmica de Jacoby e suas visões sobre questões contemporâneas relacionadas aos temas que analisa em alguns de seus livros, como a situação atual dos intelectuais na vida pública, bem como sua própria obra.

¹ Optou-se por manter os títulos que não foram trazidos ao mercado brasileiro em sua grafia original, isto é, em inglês, com, somente, uma tradução livre entre colchetes. Enquanto, no caso daqueles que foram traduzidos para o português do Brasil, preservou-se o título no idioma local.

²Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20080922092242/http://www.gf.org/jfellow.html>;
<https://www.iasdurham.org/people/former-fellows/futures-i-fellows/professor-russell-jacoby/> e
<https://www.simonandschuster.com/authors/Russell-Jacoby/48808824>.

Arthur Freire Simões Pires

Você pode falar sobre sua formação acadêmica?

Russell Jacoby

Comecei meus estudos na Universidade de Chicago e depois me transferei para a Universidade de Wisconsin, Madison. Foi uma atmosfera política sombria em Chicago que me afastou disso; e Madison foi um dos centros de protestos contra a guerra do Vietnã, foi um dos centros do movimento estudantil e foi o lar de um periódico da Nova Esquerda, que se chamava *Studies on the Left*. Além de ter vários atores-chave da Nova Esquerda, como C. Wright Mills (1916-1962) e professores refugiados de esquerda. Em particular, George Mosse (1918-1999), um professor judeu-alemão, que fugiu da Alemanha, e eu estudei com ele em Madison. Houve também Hans Gerth (1908-1978), aluno do sociólogo Karl Mannheim (1893-1947). Então, essas foram algumas das grandes influências para mim em Madison. Estudei História, História Europeia, História Intelectual durante esses anos. Além disso, é claro, participei da política estudantil, o que foi muito desgastante.

Depois, fui para a Universidade de Rochester, foi o início de um erro na minha carreira, se assim posso dizer. Eu não sabia onde estudar, e, ademais, tem a questão da área: as pessoas esperam que você tenha uma área bem definida, e ninguém sabia se eu era um historiador dedicado à Europa ou aos Estados Unidos (EUA). Eu tinha uma forte inclinação filosófica, queria estudar Filosofia, em certo sentido. Entretanto, a Filosofia estadunidense, naquela época, era bastante estéril. Preocupava-se com a filosofia anglo-lingüística, que, à época, achei muito árida. Então, eu não achava que queria acabar no departamento de Filosofia. Eu não conseguia me imaginar lecionando em um departamento de Filosofia.

Essa foi uma das razões pelas quais não fui estudar com Herbert Marcuse (1898-1979), um dos luminares da Escola de Frankfurt. Ele havia acabado de sair da Universidade Brandeis, onde lecionava em uma espécie de programa de História das Ideias. Ele foi, então, para a Universidade da Califórnia, em San Diego, onde trabalhou no departamento de Filosofia, que mencionei. Eu, em vez disso, fui para a Universidade de Rochester, porque naquela época Hayden White (1928-2018) lecionava em Rochester e era considerado uma figura em ascensão na História Intelectual. Ele havia escrito vários livros sobre como repensar a História Intelectual. George Mosse me disse que Hayden White seria uma boa pessoa para estudar.

O problema foi que, depois de um ano, Hayden White deixou Rochester e foi para a Califórnia. Todavia, naquele tempo, Rochester ainda tinha um grupo interessante de historiadores, em particular, este historiador marxista da escravidão, que era Eugene Genovese (1930-2012), e Christopher Lasch (1932-1994), que se tornou um dos “patrocinadores” da minha tese de doutorado, além de escrever o prefácio do meu primeiro livro, *Amnésia Social*. Assim, embora estivesse estudando a história europeia, com Lasch, acabei mais ou menos parcialmente no subcampo da história norte-americana, o que moldou minha identidade.

Arthur Freire Simões Pires

Amnésia Social se relaciona com sua tese de doutorado, de alguma forma? Quais as motivações para esse livro?

Russell Jacoby

Não, esse livro, na verdade, resultou mais ou menos das circunstâncias político-intelectuais em que me encontrava naquele momento. Na época, eu morava em Boston e tinha um emprego de meio período em uma livraria política chamada “O livro vermelho” [The Red Book]. Sentávamos e discutíamos quais livros iríamos vender na livraria — e votávamos quanto a títulos controversos. Nessas ocasiões, sempre havia críticas a Sigmund Freud (1856-1939): por ser misógino, antmulher, velho nebuloso... Nós tínhamos livros de psicólogos soviéticos, como Ivan Pavlov (1849-1936), e cada vez mais esses psicólogos radicais, mas nenhum de Freud.

Eu tinha estudado um pouco de Freud e fiquei horrorizado que a esquerda dessa livraria fosse tão ignorante ou, pelo menos, suas críticas fossem tão superficiais e baratas. Freud era do século XIX e, de alguma forma, [para eles] R. D. Laing (1927-1989) e esses psicólogos radicais eram incríveis. Essa se tornou a motivação para o meu livro: como esses tipos de psicólogos radicais superficiais varreram a esquerda e enterraram Freud — quem, por sua vez, realmente tinha muito mais a oferecer. Fui consistentemente derrotado na tentativa de levar Freud à livraria; eles consideravam Freud um reacionário. Meu interesse por Freud vem disso: tentar ver o que vale a pena nele, e não simplesmente descartá-lo porque ele é muito antigo ou coisa do tipo.

A minha tese se tornou meu segundo livro, na realidade. Chama-se *Dialectic of Defeat* [*Dialética da Derrota*; 1981], que trata do marxismo ocidental. Em Madison, eu estava muito interessado em Marcuse e na Escola de Frankfurt. Participei de um grupo que estudou todos os textos e se viu continuando essa tradição. Vários de meus amigos foram estudar com Marcuse, quando ele estava em San Diego.

Arthur Freire Simões Pires

Numa entrevista recente, você disse que sua “orientação intelectual ainda está ligada à Escola de Frankfurt e ao marxismo alemão” (Jacoby 2023a, s. p.). Assim, quais são as suas maiores influências tanto no método como na abordagem dos temas que trabalhou ao longo da sua carreira?

Russell Jacoby

É uma boa pergunta, mas não sei se tenho uma boa resposta! Porque continuo a ver alguns dos textos da Escola de Frankfurt como cruciais. Nunca gostei particularmente da segunda geração, nunca achei Jürgen Habermas (1929-atualmente) tão interessante ou particularmente atraente. Portanto, sou uma espécie de tradicionalista reconstruído, no sentido de que volto sempre a Max Horkheimer (1895-1973), Theodor Adorno (1903-1969) e o próprio Marcuse, que tentaram encontrar um caminho entre o marxismo soviético e o marxismo dogmático. Nem sempre com sucesso, mas penso que foi esse o caminho que também tentei seguir.

Também nunca achei o marxismo francês convincente, como de Louis Althusser (1918-1990)... nunca me atraiu. Acho que Michel Foucault (1926-1984) tinha algumas coisas a oferecer. No entanto, novamente, era bastante limitado. Devo dizer que eu tendia a ser parcial em relação aos pensadores alemães, que considerava muito melhores que os franceses.

Nunca tenho uma boa resposta sobre quem são as grandes pessoas que valorizo nos últimos 50 anos. Há muitas pessoas que aprecio, mas costumo voltar aos textos antigos. Suponho que, devido a parte do meu *ethos* antiacadêmico, muitas vezes considero os jornalistas melhores do que os acadêmicos, em termos de serem capazes de escrever e pensar... ou, pelo menos, melhores que os acadêmicos idiossincráticos. Pessoas como C. Wright Mills (sobre quem escrevi), considero mais valiosos do que os acadêmicos mais teóricos.

Arthur Freire Simões Pires

Pode-se dizer que sua escrita exala a influência que você tem da tradição ensaística norte-americana. Isso está relacionado ao seu último ponto?

Russell Jacoby

A tendência acadêmica de escrever em jargões e de desenvolver vocabulário especializado é uma forma de desastre, a meu ver. Faz parte da profissionalização: é preciso dominar o vocabulário para ingressar no grupo. Em muitos aspectos, a tradição de ensaios não acadêmicos é uma forma muito superior. Os principais pensadores da universidade são basicamente ilegíveis. Já disse isso mais de uma vez: Frederic Jameson (1934-2024) é considerado um dos mais importantes marxistas na universidade estadunidense, mas ninguém consegue ler Jameson! Você pode lê-lo em um seminário, em um departamento de Inglês ou em Literatura Comparada, mas ninguém consegue ler. Isso é verdade para vários destes principais estudiosos de esquerda. Essas pessoas não escrevem para serem lidas, elas escrevem para serem estudadas em seminários de pós-graduação... e isso é um desastre, pelo que posso dizer.

Não quero generalizar, mas me parece que isto faz parte do problema dos Estados Unidos: a esquerda conseguiu dominar as universidades, mas nada mais! Porque eles escrevem apenas para si mesmos. Então, os conservadores assumiram o controle do resto do país. Os acadêmicos assumiram o controle das instituições de ensino, contudo, como se constatou, o controle das instituições de ensino teve um impacto limitado em outros locais.

Prezo pelo ensaio e pela escrita clara. Desconfio dos tomos de 800 páginas. Por que você precisa de 800, 700 páginas? Os professores não trabalham para serem claros. Eu certamente valorizo o ensaio lúcido, não a monografia ilegível.

Arthur Freire Simões Pires

Seu livro *Os Últimos Intelectuais* ([1987] 1990) se tornou referência para pesquisadores querem se inserir em diversos temas (como História dos Intelectuais, Sociologia dos Intelectuais, dentre outros). Uma vez que você analisa os intelectuais públicos e sua transformação em profissionais acadêmicos, gostaria de saber como se dividem os diferentes tipos de intelectuais em sua visão e como você definiria os diferentes tipos de intelectuais.

Russell Jacoby

Não posso dizer que atualizei meu pensamento sobre isso. Mais ou menos, fui eu quem colocou em circulação a questão dos intelectuais públicos. Para muitos dos meus críticos, um intelectual público era redundante, porque os intelectuais são públicos, essa é a questão. Mas meu argumento era diferente: agora temos uma geração de intelectuais que não é pública; tratam-se de profissionais, eles são acadêmicos, não querem escrever para um grupo maior, querem escrever para sua disciplina, para sua área. Até certo ponto, isso continua verdadeiro.

Sem dúvida há vários professores que escrevem para um público maior, isso acontece o tempo todo. Alguns são bem-sucedidos — e bom para eles —, mas se trata apenas de um grupo muito pequeno e não é um grupo particularmente estável. Eu sempre perguntava aos meus alunos se eles poderiam citar um intelectual da atualidade e quem eram os principais intelectuais, hoje em dia. Eles ficavam perplexos. Diriam talvez Noam Chomsky, que tem 95 anos. Quando perguntados se havia mais alguém, eles não sabiam de ninguém, não haviam respostas óbvias para isso.

Eu acho que, para a cultura estadunidense, isso é um desenvolvimento bastante novo. Antigamente, as pessoas eram familiares com alguns dos principais pensadores; familiares até mesmo com filósofos como John Dewey (1859-1952) ou William James (1842-1910), mas agora não o são, porque há, em grande parte, intelectuais acadêmicos, e eles não são intelectuais públicos. Essa é uma história contínua. É difícil para identificar aqueles que contrariam essas correntes. Não sei quem identificaria, existem algumas possibilidades, porém não tenho certeza.

Arthur Freire Simões Pires

Você sente que, ao longo dos anos, — embora a “geografia urbana” tenha mudado (algo que você descreveu em *Os Últimos Intelectuais*) — as pessoas, em geral, têm estado cada vez menos interessadas no que os intelectuais têm a dizer?

Russell Jacoby

Acho que as mudanças na cidade não pararam, realmente, na verdade, elas continuaram. As cidades se tornaram incrivelmente caras e as pessoas que vivem nelas não são intelectuais autônomas, pois não têm condições para tal. São pessoas que trabalham em determinadas áreas bem remuneradas que povoam essas cidades (como advogados, médicos, consultores financeiros etc.). No entanto, não são intelectuais, nem sequer são professores. Esse processo continuou em ritmo acelerado.

Ao mesmo tempo, a expansão das universidades lentamente estagnou. Sabemos que as Ciências Humanas estão encolhendo (ou, pelo menos, as Ciências Humanas nos EUA). Estudantes não estão estudando História, Literatura, Filosofia, como antes — isso é um problema interessante de se pensar: por que isso está acontecendo?

Penso que uma das razões tem a ver com a situação insular e profissional natureza das Ciências Humanas, com as quais as pessoas ficam impacientes: por que estudar Literatura se ela apenas se transforma numa análise muito esotérica da

linguagem, inspirada em Jacques Derrida (1930-2004)? Logo, acho que isso é parte da razão para o declínio das Ciências Humanas.

Todavia, a visão otimista é que há um número crescente de graduados em universidades que não conseguem mais encontrar empregos como professores, e procuram empregos no jornalismo, na internet, em museus, ou em ONGs (Organizações Não Governamentais), que pode ser um desenvolvimento promissor.

Arthur Freire Simões Pires

Você se considera um intelectual público?

Russell Jacoby

Essa é uma boa pergunta, não posso dizer que meus livros tenham se saído tão bem. Acho que, nos meus melhores dias, sou um intelectual público. Muito raramente escrevi para revistas profissionais. Tento escrever para um público e tenho feito isso por toda a minha carreira. Eu diria que espero que sim, talvez eu seja um intelectual público fracassado ou um aspirante a intelectual público, talvez essa seja a melhor descrição.

Arthur Freire Simões Pires

Levando em conta que fazem cerca de 35 anos após o lançamento original de *Os últimos intelectuais* (Jacoby 1990), você diria que a situação dos intelectuais públicos de esquerda parece ainda mais obscura do que nunca? O que você acha do atual debate público nos EUA? Além de Chomsky, há algum intelectual público que se destaque?

Russell Jacoby

Como mencionei, quando estava lecionando, perguntei aos meus alunos quem são os principais intelectuais e eles não tinham resposta alguma. Bem, eu também não tenho respostas. Não sei se escrever um livro faz de você um intelectual de destaque... Como descrevi anteriormente, acho que a situação está mudando para os intelectuais. Porque as universidades não são mais o lugar, já que elas não estão se expandindo como estiveram antes. Consequentemente, isso significa que os intelectuais que querem encontrar um espaço têm de encontrar uma posição em outro lugar.

Trata-se de uma situação complexa, com elementos misturados, porque é difícil conseguir posições em outros ambientes — como os lugares que mencionei —, já que nenhum desses campos está em expansão. No entanto, é aí que reside o futuro, mais do que na universidade — ou, pelo menos, essa é a novidade dos últimos anos.

Devo dizer que estou pensando em revisar *Os Últimos Intelectuais*, que abordaria exatamente essa questão: existe uma nova geração de intelectuais que não está encontrando posições nas universidades e nessas outras organizações e locais

(como museus, ONGs, agências governamentais e lugares como esse)? Serão esses os novos lares dos intelectuais? Não sei. Isso mudará a situação?

Volto ao que disse antes: a esquerda controla os departamentos universitários, como o de Língua Inglesa, e a direita controla o Supremo Tribunal, quem ganhou? Parece uma coisa muito inteligente: “vamos dar estes departamentos à esquerda e levamos o resto do país”. Funcionou.

É claro que nem todos os departamentos universitários foram assumidos pela esquerda. Se você frequenta escolas de Administração, Engenharia, e Medicina, a história é totalmente diferente. É um problema: significa que a esquerda está num casulo em certos departamentos, por isso não têm muito impacto, o que é, de fato, um problema.

Será que uma nova geração de intelectuais não ancorados na universidade alterará esta realidade? Talvez.

Arthur Freire Simões Pires

Em alguns casos, a literatura especializada foca nos intelectuais da esquerda. No caso da França da primeira metade do século XX, por exemplo, dá-se grande ênfase a André Gide (1869-1951) e a André Malraux (1901-1976). Entretanto, foram os jornais e revistas de direita que tinham índices de circulação muito mais elevados do que os periódicos da direita (Lottman 2009; Winock 2000). Dito isto, quando pensamos no caso dos EUA, temos evidências contraditórias. Você tem alguma opinião sobre esse assunto? Além disso, pode-se dizer que a sociedade estadunidense está mais à direita?

Russell Jacoby

Há um grande círculo eleitoral de professores de esquerda. O ensino superior nos EUA é enorme — há 1,5 milhão de professores no ensino superior; eles constituem um público considerável para intelectuais de esquerda. Mas eles são pouco visíveis para quem está fora da universidade. Concordo com o que você disse: existe um mito de que todos os intelectuais são de esquerda, e isso não é verdade. Ao observar intelectuais em diversos países, como Alemanha, França e Itália, há muitos que são nacionalistas de direita e a sua tradição está viva e bem — muito bem, na verdade. Novamente, a esquerda tende a estar confinada na universidade, isso fala sobre a questão do impacto relativo dos intelectuais da direita e da esquerda.

Abordo um pouco isso em *Os Últimos Intelectuais*. Os intelectuais de direita tiveram mais sucesso em encontrar um público, em parte porque desconfiavam da profissionalização; eles homenageavam o intelectual independente, não o funcionário acadêmico. Porém, em breve saberemos sobre o seu impacto — nas próximas eleições presidenciais³.

O mistério que todos tentaram desvendar [é] o que está impulsionando este populismo de direita — especialmente na medida em que não estamos em uma depressão econômica... mas esta é outra questão.

³ Nota do entrevistador (NE): o entrevistado se referia à eleição de 2024, que, à época, tinha Joe Biden (e posteriormente Kamala Harris) enfrentando Donald Trump. O pleito acabou consagrando esse último que, hoje, já está empossado.

Arthur Freire Simões Pires

Em *O fim da utopia* (Jacoby 1999a), você discute o fato de que a maioria dos intelectuais se autodenominam “marginais”. Isso posto, você enxerga alguma relação com o discurso político que se proliferou principalmente na última década, encarnado em figuras como Donald Trump, Jair Bolsonaro e Javier Milei? Quer dizer, um discurso que se afirmar “outsider” e de constante combate ao assim chamado “*establishment* político” ao que atribui o protagonismo desse tipo de discurso?

Russell Jacoby

Não sei se vejo uma relação direta entre esses dois fenômenos, o que é verdade — e esta é uma história um tanto quanto antiga — é que a maioria das pessoas “gosta” de se ver como alguém de fora. São pouquíssimas as pessoas que se anunciam como “*insiders*” — tal qual “sou um insider” ou “sou uma pessoa do *establishment*”. Trump, um magnata imobiliário de sucesso, é um *outsider*? Ele finge ser um *outsider* e, do mesmo modo, todo mundo finge ser um *outsider*.

Faz parte de uma espécie de tradição romântica. Essa, claro, é a história da política de identidade: cada grupo é *outsider* e ninguém mais é *insider*. Todos são marginais, é ótimo ser marginal... apesar disso, não acredito haver uma ligação direta entre os dois fenômenos, com exceção a esse “prestígio” de ser um *outsider*, que todos afirmam ser: os de esquerda são *outsider*, assim como os de direita são *outsiders*.

Arthur Freire Simões Pires

Em alguns de seus livros, você chama períodos não específicos de eras, como (1) a era da academia (Jacoby 1990), (2) a era da apatia (Jacoby 1999a), (3) a era antiutópica (Jacoby, 2007), era global (Jacoby 2020) e, finalmente, (4) era do exagero (Jacoby 2022a). Você vê essas “eras” relacionadas entre si? São principalmente recursos retóricos ou significam algo na sua abordagem historiográfica?

Russell Jacoby

Se você está resumindo um período, você está generalizando descontroladamente, por óbvio. Dessa maneira, várias coisas podem ser verdade ao mesmo tempo. Não creio que seja um ou outro. A “era da apatia” e a “era do exagero” parecem opostas entre si; contudo acho que ambas são verdadeiras. A única maneira de obter uma reação num período de apatia — e Trump é uma ilustração disso —, é simplesmente exagerar: tudo é o máximo, tudo é o pior, tudo é o maior. Como as pessoas se tornaram cínicas e apáticas, você deve acordar elas com exageros. Não tenho certeza se apatia e exagero são descrições contraditórias de um período; os dois podem ser simultaneamente verdadeiros!

Arthur Freire Simões Pires

Você acredita que seus livros ainda estão atualizados, principalmente em relação ao *status quo* da situação política e intelectual estadunidense?

Russell Jacoby

O que posso dizer? Talvez você esteja perguntando para a pessoa errada, já que sou o autor. Portanto, não vou declarar que os livros estão obsoletos, isso seria difícil para eu admitir! Quando eu os abro, eles parecem ainda falar com o presente. Acho que *Os Últimos Intelectuais* é um exemplo, estou pensando em revisar o livro e abordar também a nova geração de intelectuais. Basicamente, porém, acho que o livro é preciso. Não sei quais dos meus livros eu diria que são muito obsoletos. Alguns precisariam de alguma revisão, mas não vejo nenhum terrivelmente desatualizado.

REFERÊNCIAS

- JACOBY, R. *Os Últimos Intelectuais: A Cultura Americana na Era da Academia*. São Paulo: Edusp/Trajatória Universal, 1990.
- JACOBY, R. *O Fim da Utopia: Política e Cultura na Era da Apatia*. Rio de Janeiro: Record, 1999a.
- JACOBY, R. The End of the End of the End of Ideology. *The New York Times*, 1999b. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/first/j/jacoby-utopia.html>. Acesso em: 11 jul. 2024
- JACOBY, R. *Imagem Imperfeita: Pensamento Utópico para uma Época Antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- JACOBY, R. *On Diversity: The Eclipse of the Individual in a Global Era*. New York: Seven Stories Press, 2020.
- JACOBY, R. *Intellectuals in Politics and Academia: Culture in the Age of Hype*. New York: Palgrave Macmillan, 2022a.
- JACOBY, R. The Takeover: Self-righteous professors have spawned self-righteous students and unleashed them into the public square. *Tablet*, 19 dez. 2022. Disponível em: <https://www.tabletmag.com/sections/arts-letters/articles/takeover-russell-jacoby>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- JACOBY, R. D'une pensée critique sous emprise – Un entretien avec Russell Jacoby. *Le Comptoir*, 27 abr. 2023a. Disponível em: <https://comptoir.org/2023/04/27/dune-pensee-critique-sous-emprise-un-entretien-avec-russell-jacoby/>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- JACOBY, R. A Climate of Fear: The free speech skeptics abandon Salman Rushdie. *Harper's*, March, 2023b. Disponível em: <https://harpers.org/archive/2023/03/a-climate-of-fear-the-free-speech-skeptics-abandon-salman-rushdie/>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- LOTTMAN, H. *A Rive Gauche: escritores, artistas e políticos em Paris (1934-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- WINOCK, M. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

INTELECTUAIS E HISTÓRIA INTELLECTUAL NA AMÉRICA DO NORTE
ENTREVISTA com Russell Jacoby
Entrevista recebida em 28/03/2025 • Aceito em 24/07/2025
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado